

Usos e abusos de uma vida: a biografia de Erasmo Braga e o protestantismo brasileiro nas décadas de 1950 a 1970

CARLOS BARROS GONÇALVES*

“O que torna a vida, esse misterioso espaço de tempo entre o nascer e o morrer, narrável por meio de uma escrita a ser partilhada com outros?” Foi o questionamento de Manoel Luiz Salgado Guimarães no prefácio de um livro sobre a trajetória de Duque de Caxias (SOUZA, 2008). Esta pergunta, bem como as respostas apresentadas pelo próprio Manoel Luiz, funcionam como norteadoras para as reflexões deste texto, cujo objetivo é apontar para algumas possibilidades, intencionalidades e imagens fruto deste exercício de partilhar a vida, a memória de um personagem com outras pessoas. Para isso, escolhi o livro Profeta da Unidade – Erasmo Braga, uma vida a descoberto, autoria do reverendo Julio Andrade Ferreira e publicada em 1975.

Uma observação importante de Manoel Luiz é que a escrita de uma vida produz uma história e um sentido que fundamenta, objetiva uma partilha. Tal afirmação pode, de maneira geral, ser aplicada a qualquer fonte para o estudo do passado, contudo, para a opção de estudar um registro biográfico ela é mais do que fundamental. Esse texto pretende elucidar justamente os possíveis sentidos que levaram Julio Ferreira a dar publicidade à trajetória de Erasmo Braga e, mais ainda, em narrar, contar, da forma materializada no livro. O contexto explica parte ou o todo desta publicação biográfica? Que relações há entre o autor, o texto biográfico e o contexto no qual foi produzido?

E nesse mesmo sentido, é válida outra consideração do prefácio de Manoel Luiz quando afirmou que a escrita de uma vida “articula, em princípio, duas vidas: a narrada e a do narrador, aquele que se debruça e olha a vida do outro afetado por alguma forma de desejo” (SOUZA, 2008: 19). A partir da narrativa de uma vida o escrito biográfico torna o tempo, do biografado e do narrador, uma experiência socialmente partilhável e dotado de sentidos particulares¹.

* Doutorando em História pela UFPR. Bolsista CNPq/CAPES. Servidor do Centro de Documentação Regional FCH-UFGD.

¹ Vale lembrar que a biografia, enquanto gênero ou forma de escrita tem uma longa história, tendo recebido significados, funções e atribuições diferentes e que implicaram necessariamente na forma e método como os personagens escolhidos foram retratados. Das orações fúnebres da Atenas antiga às vidas paralelas recheadas com modelos e exemplos de Plutarco e aos estabelecimentos de instituições responsáveis pela eternização de heróis como os Institutos históricos e geográficos, no caso brasileiro, até a contemporaneidade pode-se encontrar

Desse modo, embora o faça de maneira breve neste texto, para um futuro aprofundamento dessa análise pretendo articular informação a respeito das trajetórias religiosa, intelectual e pessoal de Julio Ferreira por entender que a construção deste cenário possibilitará compreender mais a fundo o momento no qual foi produzida e trazida ao público a biografia de Erasmo Braga.

Tais objetivos partem do pressuposto que é necessário articular o personagem ao *contexto global* de seu tempo, sem perder de vista “os possíveis que foram oferecidos aos agentes em tal momento de sua trajetória e entre as quais tiveram que escolher precisamente” (LE GOFF, 1999: 23; REVEL, 2010: 245). Essa possibilidade de escolhas a que teve acesso o indivíduo em seu tempo, aparentemente ocultadas em determinadas biografias, é uma questão espinhosa para os historiadores acadêmicos. É também o caso da biografia sobre Erasmo Braga, na qual as escolhas dos “possíveis” a que esteve diante foram sempre determinados por um destino, uma “vocação” à qual desde menino, “menino-mestre” como foi chamado por Julio Ferreira, esteve Erasmo sujeito (FERREIRA, 1975: 12). Pierre Bourdieu no texto “A ilusão biográfica”, ao comentar a escrita de histórias orais de vida, chamou a atenção justamente para a presença dos “desde sempre, sempre”, que atribuem a uma vida narrada um todo coerente e coeso, sem espaços para as singularidades, os azares (BOURDIEU, 1996).

Como pretendo buscar as possíveis intencionalidades por trás da publicação da biografia de Braga, a relação indivíduo-contexto será pensada em duas perspectivas: a do autor, as suas possíveis motivações em escrever o livro sobre Erasmo e a do biografado, como foi construída as ações de Erasmo frente ao contexto de seu tempo. A princípio, é possível dizer, como citado anteriormente, que o texto de Ferreira apresenta um Erasmo Braga fruto de um projeto divino, de uma vocação, religiosa e intelectual, que o tornaram um sujeito singular em sua época. Uma trajetória linear, do nascimento à morte², cujo sentido, destino, já estaria traçados antes mesmo de seu nascimento, perceptível nas primeiras páginas do livro quando Ferreira busca elementos da vida religiosa e pessoal dos pais de Erasmo para reforçar a idéia de um destino de vocação.

um cenário intrigante e complexo que compreende, especificamente no campo dos historiadores, atitudes que vão da empolgação, fascínio, interesse pelo curioso, total marginalização da escrita biográfica e o re-pensar da biografia como chave interpretativa da história (DOSSE, 2009; MOMIGLIANO, 1993). Cabe frisar que esse texto apresenta considerações iniciais de uma análise ainda em elaboração.

² Erasmo Braga nasceu em 1877 e faleceu em 1932.

Erasmus Braga nasceu e viveu num momento em que as igrejas protestantes no Brasil buscavam se consolidar perante a sociedade, suas instituições civis e, sobretudo, buscavam fazer frente ao catolicismo secular na busca por espaços na religiosidade dos brasileiros. Nesse contexto, conviveu especialmente no seio do presbiterianismo, com momentos de grandes divergências e também de iniciativas simpáticas ao diálogo e à cooperação interdenominações.

A sociedade do século XX em que Erasmo viveu grande parte de sua vida também passava por um momento ímpar; recém-saída (ainda que permanecesse em forma de moribundo) de um regime monárquico e com grande influência do clero católico em determinadas questões, o país caminhava em busca de um vir a ser. Os ideais de progresso, civilização, modernidade, crescimento, eram os mirantes dos grupos dirigentes do país e quaisquer ameaças ou contestações eram reprimidas, silenciadas. Os Estados Unidos era o exemplo de nação a ser imitado em diversos aspectos. Foi o período das vacinas, da reurbanização (segregação?) em centros urbanos, do florescimento da imprensa periódica, das artes. A população ainda era majoritariamente rural. O analfabetismo era enorme. No plano internacional, as luzes apontavam para um caminho eufórico que já na segunda década foi drasticamente alterado, com a eclosão da I Guerra Mundial, para um período de pessimismo e questionamento de ideologias.

Como jornalista, foram muitos os periódicos para os quais enviou seus textos. Em cada local que residiu, ali estava ele a escrever. Nessas publicações, além de temas voltados à religião, abordou questões sociais como a saúde, o analfabetismo, a situação dos povos indígenas, a economia, a política; temas como o alcoolismo, a literatura, a pornografia, os esportes. Certamente, o trabalho que rendeu maior projeção a Erasmo Braga foi a série de livros didáticos para crianças da escola primária que ficaram conhecidos como a Série Braga, publicada por mais de quarenta anos e que alcançou mais de cem edições.

Em “A herança imaterial” Giovanni Levi ressaltou a especificidade da ação dos indivíduos, porém que os mesmos nunca se encontram fora das limitações impostas pelos sistemas normativos, institucionais ou sociais. Nesta obra Levi frisou a análise do sistema de contextualização “e de interligação entre regras e comportamentos, entre estrutura social e imagem impressa nas fontes escritas” (2000: 47). É a possibilidade da biografia contexto, na

qual o indivíduo não explica o contexto, mas é explicado por ele. Trata-se de uma opção favorável ao estabelecimento de verossimilhanças em que o personagem pode definir, por exemplo, os temas, as conexões da escrita, ou seja, é a tentativa de buscar o que tornou possível as singularidades de determinados sujeitos (LEVI, 1996).

A citação de Giovanni Levi pode parecer contraditória, porém foi utilizada devido o livro sobre Erasmo Braga parecer comportar, ao mesmo tempo, um indivíduo com atributos que encarnaram o contexto de sua época, seu espaço de vida, e um personagem que não explica o seu tempo, mas que a todo o momento foge dele, justamente por ser ele, Erasmo, um sujeito que esteve “além”, um “profeta” deslocado no tempo e que “não se surpreenderia caso estivesse vivo” (décadas de 1950, 1970) (FERREIRA, 1975: 94). E aqui registro uma inquietação: até que ponto a tentativa de análise da biografia de Erasmo Braga não se constituirá, ainda que de maneira geral, uma escrita da vida de Julio Ferreira?

Especificamente sobre o livro. Trata-se de um texto destinado ao elogio de Erasmo Braga e de alguns atributos, sobretudo, a sua grande inteligência, além de seu gosto “incansável” pelo trabalho, religioso e secular, suas ações sempre pacíficas. Assim, é possível encontrar no livro aspectos que “humanizam” o Erasmo, que por alguns momentos parece somente um ser humano perfeito, como o encantamento por um “crepúsculo” ao pé de um morro em Niterói (RJ), o seu choro de emoção diante paisagens da natureza, suas alegrias no trato com crianças (DOSSE, 2009:127).

O texto apresenta, assim, tanto aspectos da vida pública como íntima do biografado e está estruturado em duas grandes partes. A primeira comporta a introdução e vinte e um capítulos. Estes não foram ordenados cronologicamente, mas seguem uma consecução de eventos apresentados pelo biógrafo como os mais importantes na vida de Erasmo. Estas narrativas, por sua vez, compreendem duas partes: a formação e atuação intelectual, sobretudo teológica, do biografado e a sua carreira como ministro presbiteriano, com destaque para a atuação em prol dos ideais ecumênicos no interior do protestantismo brasileiro durante as três primeiras décadas do século XX. A segunda parte da obra é composta de treze seções de documentos produzidos por Erasmo Braga, os quais se referem a textos de cunho teológico e didático, frutos da atuação de Braga nos círculos confessionais e seculares.

Quanto ao livro e seu cenário de publicação.

Ao longo dos anos, sobretudo a partir do século XX, diversas igrejas no Brasil publicaram sob a forma de livros ou folhetos as trajetórias de seus pioneiros, de seus modelos de vida. Ainda no século XIX é possível encontrar textos que construía e apresentavam a vida dos personagens religiosos importantes para a memória das igrejas. Nesse caso, os veículos foram os jornais denominacionais. A maior parte destas produções foi publicada via as respectivas denominações.

Nos círculos protestantes, as biografias cumpriram a função de pensar o passado e oferecer instruções e modelos pastorais e normas de conduta. Há que se ressaltar que a opção de escolha dos personagens dignos de serem eternizados, sobretudo pelas respectivas igrejas, implicou necessariamente na exclusão de outros personagens.

A biografia de Erasmo Braga foi publicada num período de profundas modificações na sociedade brasileira, cenário do qual as igrejas, bem como seus fiéis e lideranças não ficaram alheios:

As mudanças políticas ocorridas com o golpe militar, o forte êxodo rural, a visibilidade de religiões antes marginais, o movimento feminista, liberação sexual, novas configurações familiares, os entretenimentos urbanos, e as mudanças no catolicismo após Vaticano II (WATANABE, 2011: 235).

Nas décadas de 1960 e 1970, o cenário protestante brasileiro sofreu algumas modificações: o golpe militar de 1964 e uma série de reformas no corpo das igrejas produziram, ao contrário do lado católico, uma adequação em favor do sistema político vigente, o que significou:

1- a expulsão e o desligamento de alguns líderes e fiéis do quadro eclesial que tinham um discurso religioso mais atrelado aos problemas políticos e sociais brasileiros; 2- a aproximação com a teologia protestante fundamentalista norte-americana; 3- o fim do diálogo inter-religioso (WATANABE, 2011, p. 248).

Dois livros publicados na mesma década que o Profeta da unidade são vozes de denúncia daqueles anos conturbados no interior do protestantismo. Trata-se do livro

Protestantismo e repressão³, autoria de Rubem Alves, publicado quatro anos após a biografia de Erasmo e Inquisição sem fogueiras⁴, autoria de João Dias de Araújo, publicado um ano antes da biografia. Uma análise mais cuidadosa destas obras permitirá entender o universo de divergências políticas e também teológicas do período em que foi trazido à memória o pacífico profeta da união.

Conforme Ferreira, os problemas de ordem teológica, intelectual e política da “era caótica” teriam sido vividos por Erasmo Braga e, por isto mesmo, a sua biografia “deveria ser uma inspiração” (1975: 7). Ferreira ressalta que Erasmo Braga vivenciou no início do século XX as divergências internas no presbiterianismo que culminaram em 1903 com o cisma presbiteriano e o surgimento de uma nova instituição, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

E assim, segue o retrato de Erasmo; aquele que numa época passada soube com paciência e espírito “cooperativo e diplomático” dirimir as dificuldades de seu tempo e lutar em prol do bem coletivo, deixando de lado sentimentos individuais e pessimistas, referindo-se, sobretudo, ao reverendo Eduardo Carlos Pereira, expoente do movimento que culminou com o cisma de 1903 (FERREIRA, 1975: 22-26).

Em dado momento da biografia, uma leitura superficial pode levar o leitor a concluir que o Erasmo narrado foi um revolucionário das primeiras décadas do século XX, pois, Ferreira narrou um Erasmo Braga às voltas com instituições como o Club Positivista 24 de Fevereiro, o Centro de Ciências de Campinas, O Rotary Clube, a União Panamericana, tendo como amigos próximos padres e especialmente o bispo Dom Nery, contudo, ressalta Julio Ferreira, que Erasmo apesar dos círculos em que caminhava e das pessoas com quem convivia, soube guardar “os princípios protestantes” (1975: 31). Nesse sentido, vale a pena transcrever um trecho da biografia, cujo conteúdo foi extraído por Julio Ferreira de um texto

³ É um livro que se tornou um clássico para os estudos do protestantismo brasileiro. Rubem Alves, assim como João Dias de Araújo, caiu nas malhas da inquisição sem fogueiras daquele momento. A obra foi inicialmente apresentada como tese de livre docência na Universidade de Campinas, mas extrapolou os muros acadêmicos. Teve 3 edições, a última em 2005, com o título alterado para Religião e repressão.

⁴ Este é o título de outro livro fundamental para a compreensão dos meandros protestantes no período de publicação da biografia de Erasmo Braga. O autor, João Dias de Araújo, deteve sua atenção aos atos de interdição de lideranças presbiterianas no período militar, bem como das amarras desta igreja com o cenário político de então. Teve duas edições, a primeira em 1974 e a última em 1982.

do próprio Erasmo, que concorre para a afirmação de um personagem pacífico, porém atento as questões de seu tempo:

As paixões são violentas na sua expansão. As tradições mais respeitadas são destruídas pelo fogo aberto e desordenado dos reacionários. A ira do homem desenfreado, mesmo na luta por sua defesa, por um princípio justo, é sempre de temer-se. É, precisamente aí, que o indivíduo se revela mesquinho, e projeto seu perfil lúgubre, contraído pela violência, sobre a placidez e candura dos grandes ideais (1975: 23).

Era possível, então, nas décadas de 1950 a 1970 envolver-se nas tramas sociais sem abrir mão dos princípios protestantes⁵? Outro questionamento para direcionar futuras reflexões.

Algumas considerações sobre o autor da biografia. Tal como muitos biógrafos e escritores que narravam a memória institucional de igrejas e indivíduos protestantes no Brasil, Julio Ferreira não possuía formação em história. Foi um proeminente teólogo, filósofo e pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Escreveu diversos livros entre biografias, história eclesiástica, apologética e genealogias, a maior parte destes, obras de cunho teológico, sendo eleito em 1999 como o historiador oficial da Igreja Presbiteriana.

Na década de 1960, Julio Ferreira, então diretor do Seminário Teológico de Campinas, deixou a instituição por divergências teológicas e políticas e foi para os Estados Unidos, onde cursou especialização em Educação, Sociologia e Teologia.

Foi também o principal mentor do Museu Presbiteriano, localizado em Campinas (SP), e do Arquivo Presbiteriano, localizado na cidade de São Paulo. À época da publicação da biografia sobre Erasmo Braga, Julio Ferreira era, em se tratando da história do presbiterianismo brasileiro, ao menos no interior da própria denominação, a figura mais proeminente. Era, portanto, uma voz autorizada e reconhecida.

Apesar de ter vivido as décadas conturbadas do protestantismo brasileiro, para a qual o Profeta da unidade foi trazido à tona, Julio Ferreira foi um indivíduo cercados de tarefas

⁵ O pensamento teológico e doutrinário presente no protestantismo brasileiro desse período se caracterizavam pelo fundamentalismo norte-americano anticomunista, avesso ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso e ao envolvimento em questões de ordem política.

burocráticas, nas igrejas e em instituições como a escola, instrução pastoral, e produção de textos. Mesmo tendo sido “um homem importante dentro do presbiterianismo”, se tornou mais conhecido pelos seus escritos voltados na maioria ao ensino teológico do que propriamente por sua atuação de liderança política institucional, não tendo exercido grandes cargos de autoridade na cúpula presbiteriana (WATANABE, 2011: 164).

Por fim, cabe dizer que as leituras até aqui realizadas sobre as possibilidades de escrita da história a partir de biografias, tem sido prazerosas, mas, sobretudo, desafiadoras. Creio que a tentativa de apreender as possíveis instrumentalizações da biografia de Erasmo Braga no interior do protestantismo brasileiro possibilitará uma compreensão mais acurada desta opção metodológica e do próprio cenário religioso brasileiro de então.

“Ninguém vive para si...nenhum de nós morre para si...”: trecho do versículo 14, capítulo 7 da carta do Apóstolo Paulo aos Romanos, que, segundo as pesquisas de Júlio Ferreira, foi o texto predileto de Erasmo Braga.

Referências

ALVES, R. *Religião e repressão*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ARAÚJO, J.D. *Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil (1954-1974)*. 2 ed. Rio de Janeiro: ISER, 1982.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

DOSSE, F. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

FERREIRA, J. A. *Profeta da unidade: Erasmo Braga – uma vida a descoberto*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LE GOFF, J. *São Luis – biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

_____. *A herança imaterial – trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MOMIGLIANO, A. *The development of greek biography*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

REVEL, J. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SOUZA, A. B. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

WATANABE, T.H. *Escrito nas fronteiras: os livros de história do protestantismo brasileiro (1928-1982)*. 2011. 276 f. Tese (Doutorado em História) – UNESP/Assis.